

Higienismo e literatura: uma reflexão sobre a violência médica na Primeira República a partir de João do Rio (Paulo Barreto – 1881-1922)

Edvaldo Sapia Gonçalves (USP e UEM)

1 Introdução

O presente artigo acompanha o crescente interesse pelos aspectos bioculturais e biopolíticos envolvidos nas profissões e nas práticas de saúde, bem como no processo saúde/doença, cada vez mais presentes como objetos de pesquisa para os diversos campos do conhecimento das ciências sociais (sociologia, antropologia, ciência política, história, psicanálise, psicologia, geografia, direito, etc), o que se dá a partir de diferentes referenciais teórico-conceituais e metodológicos (quantitativos e qualitativos), contribuindo para promover o diálogo interdisciplinar e criar ambientes de interlocução entre as ciências sociais e as ciências biomédicas, o que favorece concepções holísticas e de promoção integral da saúde.

Com eles, múltiplas possibilidades se abrem para orientar a imposição de limites bioéticos e jurídicos às intervenções médico-sanitárias, em favor do respeito à dignidade humana e das diversidades sociais e culturais.

Apoiado na hermenêutica filosófica de Gadamer (2006, 2004), procura-se aqui realizar uma crítica a toda forma de medicina cientificista e tecnicista que se defina como ciência da doença, esquecendo-se que esta não existe sem a saúde e que desconsidera toda a complexidade da natureza humana.

Perdendo-se no labirinto da especialização e no isolamento metodológico das disciplinas médicas, muitos profissionais da saúde tendem a se desobrigar do esforço interdisciplinar e do indispensável diálogo que humaniza e respeita a autonomia daqueles que são submetidos aos cuidados dos tratamentos médicos. Esta situação agrava a relação de desigualdade existente entre médicos e pacientes, na qual os primeiros exercem um poder autoritário que exige a submissão dos segundos. E este autoritarismo pode culminar em violência.

Daí a importância da reflexão que aqui se propõe fazer sobre a violência médica na Primeira República brasileira, buscando desvendar por manifestações literárias do período, a historicidade de sentimentos, práticas sociais e culturais de dominação por parte dos profissionais de saúde, bem como de resistência daqueles que foram vítimas de coerções médicas.

2 Doença e violência médica

A antropologia cultural muito tem contribuído para revelar discontinuidades temporais e espaciais frente a acontecimentos marcantes da vida humana, como o nascimento, a doença e a morte.

Referindo-se às doenças, Boas (1964, p. 233) observa: “Em uma época se evitavam as pessoas afetadas pelas doenças repugnantes porque se cria que eram açoitadas pela mão de Deus, mas atualmente as se repele por temor do contágio”. Nesta mudança o corpo ganhou uma nova conotação simbólica (de mística para científica), e passou-se a exigir a submissão do corpo a práticas higiênicas imunizadoras. Como bem observa Rodrigues (2006, p. 121): “As práticas higiênicas imunizam mais as idéias que as coisas; os microorganismos patogênicos ameaçam mais a vida social que a vida orgânica, e por isso são objeto de ritos purificatórios”.

Por isto, tem-se como premissa que para o reconhecimento da saúde/doença como fato antropológico, é preciso admitir que “são instalados no corpo princípios de interpretação simbólica que servem de sustentáculo à ordem social” (GÓMEZ, 2002, p. 82). Nesta perspectiva, saúde e doença têm seus significados culturalmente construídos, por meio de ideias, conceitos, regras e comportamentos que são compartilhados pelos grupos sociais.

Tal admissão é considerar que “o processo saúde-doença e todas as atividades de cuidados são respostas socialmente organizadas frente às doenças e podem ser estudadas como um sistema cultural” (UCHÔA e VIDAL, 1994, p. 500). Um sistema no qual participam o doente, o agente curador e o grupo social.

Esclarece Rodrigues (2005, p. 169) que:

Normalmente as doenças são superadas pela ação do próprio organismo. Mas, além disso, pela via da análise acurada de alguns casos específicos de tratamentos xamanísticos, Lévi-Strauss considera que feiticeiros, xamãs, médicos, psicanalistas e terapeutas de todo gênero geralmente não estão completamente desprovidos de conhecimentos objetivos e de técnicas experimentais. Sustenta também que todos os curadores proferem mitos e praticam rituais, quer estes se alimentem dos poderes de divindades, espíritos ou forças cósmicas, quer se nutram da mística do poder da ciência, da tecnologia ou da racionalidade. Dessas crenças participam não apenas os doentes, mas também as comunidades de que doentes e terapeutas fazem parte. A densidade significacional da doença e a eficácia simbólica do tratamento se insinuam, por conseguinte, no interior de todo processo de cura: no xamanismo como na medicina científica, misticismo e racionalidade se combinam para constituir, juntos, elementos ao mesmo tempo imanentes e transcendentos dos procedimentos de superação da doença.

Daí a importância de se considerar o que afirmou Le Goff (1997, p. 8): “a doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades”.

Por isto, para pensar a violência médica, primeiro será preciso contrapor-se ao senso predominante que considera o conhecimento médico como um dos campos mais evoluídos da humanidade e a crença na declaração da medicina como uma profissão portadora de valores altruístas. Para o período que será analisado, de transição do século XIX para o XX, há que se levar em conta a seguinte observação de Marques (2000, p. 42):

De fato, médicos eminentes desfrutavam já na última década do século XIX, de enorme autoridade moral. Os conselhos que davam não eram jamais questionados e as atividades de ensino e seus cuidados para com os indigentes hospitalizados eram, em grande parte, interpretados como singelos atos de benevolência.

E assim o é porque ao longo do século XIX a medicina procurou firmar a sua autoridade, fazendo-se situar fora do quadro social e cultural, apresentando-se como verdade científica legitimada por um diploma, portanto, exclusiva e intocável. De fato, reconhecia-se aos médicos uma autoridade que se fazia legitimar pela superioridade em conhecimento científico e pela experiência médica, pois como

lembra Gadamer (2006, p. 165), a medicina sempre ocupou uma posição especial no conjunto das outras ciências.

Note-se que é para o médico Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) que João do Rio dedicou “A mais estranha moléstia” que integra a coletânea de contos “Dentro da noite” (RIO, 2002, p. 176-189). Médico legista, Afrânio Peixoto foi diretor do Hospital Nacional de Alienados em 1904, discípulo de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), destacado divulgador das teorias biodeterministas de Cesare Lombroso e defensor das teses de branqueamento da população brasileira.

Contudo, é preciso considerar o que afirma Moulin (1997, p. 104): “Os médicos são um grupo que desempenha um papel de repressão social e o seu discurso científico pode contribuir para deslocar os verdadeiros problemas dando uma imagem falsificada da patologia”.

Por isto, ao se refletir sobre a questão da violência médica, há que se ter em conta que “a medicina científica esforça-se por uma certa racionalidade, mas os médicos são também irracionais, dado que são humanos” (SOURNIA, 1997, p. 360) e sendo humanos como os outros, igualmente estão vulneráveis a assimilação de preconceitos sociais que induzem à violência em sua prática profissional.

Esclareça-se que aqui não se entende a violência apenas como violência física, mas também diversas formas de coação que podem apresentar variadas gradações e clivagens, mesmo que elas não sejam percebidas como violência por não implicarem em sofrimento direto do corpo, ou como diz Restrepo (1995, p. 1): “violências implícitas, silenciosas, muitas delas sem sangue”. Por violência silenciosa entenda-se a que “se instala no registro biográfico de cada pessoa sem apresentar-se como violência, apenas murmurando-a faz se inscrever em corpos, sentimentos, ideias ...” (VALOBRA, 2009, p. 131). Muitas delas podem ser ligadas a discursos e práticas de profissionais da saúde que não consideram que o que fazem seja uma forma de discriminação ou de violência, e que sendo consideradas como naturais pela sociedade leva à ignorância social de certas dores e sofrimentos.

Muitas dessas violências, portanto, fundam-se nas relações desiguais de poder que se estabelecem entre os profissionais de saúde e os doentes, sendo que muitas delas têm por pano de fundo a intolerância para com as diversidades (sociais, culturais, sexuais e raciais/étnicas).

3 Higienismo e policiamento médico na Primeira República

Nas décadas iniciais do século XX, o Rio de Janeiro mobilizou um movimento sanitarista com médicos e engenheiros em ações de saneamento, na profilaxia de ambientes e doenças infecto-contagiosas, vacinação pública e educação higiênica. Discursos científicos, médicos e jurídicos contribuía para o propósito de uma “sociedade saudável”, concorrendo para que pobres e negros fossem considerados perigosos porque ofereciam o perigo de contágio (CHALHOUB, 1996, p. 29).

As ações sanitárias contribuía para desenhar uma nova configuração urbana, inscrevendo-se assim a regulação sanitária como mais um campo de poder de produção territorial (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144; SOUZA, 2000, p. 78-79). Ao delimitar os territórios da ação profilática, a medicina positivista vigente, científica e técnica, não fez levar em conta o homem social e suas formas geográficas de existência e vivência, agindo em manifesto desrespeito aos espaços em que as pessoas viviam e se realizavam, como os cortiços e as favelas.

Esta medicina também se especializou em criar lugares para segregar os que eram considerados doentes, como hospícios e leprosários. Isto gerou um profundo mal-estar em relação a medicina, principalmente para com a psiquiatria que fazia lançar sobre as pessoas o elevado peso simbólico de palavras como loucura, histeria, maníacos, etc, o que podia culminar no internamento obrigatório.

Além disso, os desafios políticos e intelectuais da construção da nação e da identidade nacional após a abolição dos escravos e o advento da República fez colocar as doenças da população negra na agenda científica e política da época.

Vozes se ergueram contra esse tipo de orientação, entre elas a de Franz Boas cujas contribuições chegaram ao Brasil (LIMA, 2010, p. 255; LIMA, SANTOS e COIMBRA

JÚNIOR, 2008, p. 99). No âmbito de uma antropologia do corpo, Boas não concordou com aqueles que defendiam ser o homem um produto do seu corpo e que sua origem racial fosse determinante de seus comportamentos sociais e mentais. Para ele o corpo humano era muito mais que um dado biológico. Boas (1940, p. 47; MOURA, 2004, p. 151) criticava e questionava abordagens eugênicas que apresentavam hipóteses de transmissão hereditária de doenças mentais que podiam facilmente ser relacionadas às precárias condições sociais de sobrevivência a que eram expostos os indivíduos. Lévi-Strauss (1980) em “Raça e História” que fez para a UNESCO em 1952, também destacou a maior relevância das questões ligadas às diversidades culturais do que aquelas fundadas em aspectos raciais.

Mas a conjuntura analisada favorecia que a medicina lutasse pelo controle absoluto do corpo e da mente, da saúde e da doença, já que era bastante influenciada pelo positivismo (FERREIRA, 2008, p. 87), sendo a ciência considerada mola propulsora do progresso e deveria contribuir para a manutenção da ordem social e o progresso.

Da rotulação psiquiátrica, nem mesmo João do Rio foi poupado. Após sua morte, ele foi alvo da “avaliação” médica do psiquiatra Neves-Manta (1992, p. 137-138), que em livro publicado em 1926, atribuiu-lhe traços histéricos e o diagnosticou como portador de uma “psicoparadoxia sexual”:

João do Rio era bem uma massa de disgêneses unidas e degenerescências sublimadas ... Mediano de físico. Semi-obeso. Quase disforme. Andar pesado. Lombada gorda. Cachaço amplo. Rotundo todo. Volumoso sempre. E aparentando um ensimesmamento puramente plástico – a primeira impressão todavia que expertava a figura do publicista notável era a de um neurartrítico, com todas as complicações que acarreta o Síndrome de Charcot.

Mas Heeren (2011, p. 162-163) faz as seguintes críticas a Neves-Manta:

Assim, em 1926 apareceu um estudo psicológico sobre a vida e a obra do escritor João do Rio, falecido em 1921 e, em seu tempo, sobejamente conhecido como homossexual. Escrito no mais autêntico estilo parnasiano pelo psiquiatra (que também se intitulava psicanalista) Inaldo de Lira Neves-Manta, o livro pretendia demonstrar a estranha tese de que as páginas de grande beleza produzidas por João do Rio resultavam do excesso de sensibilidade com que a “inversão sexual” dotara esse escritor. Daí porque Neves-Manta respondia positivamente à pergunta: não seria a obra de João do Rio “o resultado de um estado alucinatório”? Nada a estranhar, porque muitos escritores extraordinários, de Goethe a Wilde, também teriam gestado sua obra durante estados alucinatórios, segundo o autor. João do Rio foi então pormenorizadamente dissecado em seus

10.4025/6cih.pphuem.443

traços fisiológicos e psicológicos, para se concluir que ele sofria as consequências do mau funcionamento de suas glândulas. Como, segundo Neves-Manta o indivíduo tem a saúde que tiver seu aparelho endócrino, assim, a arte de João do Rio resulta de um mau desempenho glandular. Em suma, na época se pensava que nem a livre consciência nem a criação artística existem verdadeiramente, já que ambas são determinadas pelo acaso da disfunção glandular ou psíquica.

Por isto, cabe aqui lembrar Gadamer (2006, p. 170-171):

Nas últimas décadas, do ponto de vista sociopolítico, os conceitos de doença mental e anomalia psíquica voltaram a se tornar um problema, sobretudo a partir de Foucault. Decerto, não se pode negar que uma consciência social normativa e o respectivo comportamento da sociedade como um todo sempre influem na definição desse tipo de conceito de doença e o tornam problemático. Nós das ciências humanas e filósofos conhecemos esse problema, sobretudo sob a conhecida expressão “gênio e loucura”. Precisamente entre os artistas e pessoas com tendência artística que sempre viveram à margem da sociedade se encontra uma anomalia que faz da demarcação de limites um problema. Assim, em alguns casos-limite, é muito discutível falar em demência.

Mas João do Rio arrostou as discriminações sociais por meio da palavra escrita, com diversas narrativas sobre moléstias e neuroses, como se verá a seguir.

4 Dentro da noite com João do Rio

Como fontes históricas os textos literários também podem contribuir para a investigação das tensões entre o higienismo da Primeira República e existências humanas marginalizadas e violentadas como doentes.

Aqui é considerada com especial atenção a coletânea de contos do livro “Dentro da noite” de João do Rio, que era o pseudônimo literário mais conhecido do jornalista e escritor João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921) ou simplesmente Paulo Barreto. A sua importância para os propósitos deste estudo se dá porque nele havia um “*temperamento etnográfico* – definido por sua postura de ‘estranhador’ de seu próprio mundo” (O’DONNEL, 2008, p. 23).

O interesse se volta para o que ele fez revelar das vivências marginalizadas pelas doenças, dependências químicas e sexualidades periféricas, submetidas ao controle social exercido pelas instituições, entre elas as encarregadas de zelar pela saúde pública. Ele faz voltar a atenção ao “centro das loucuras que é a cidade” (RIO, 2002,

p. 179) e afirma: “O Hospício é o resumo da Cidade” (RIO, 2009, p. 146). E nos contos de “Dentro da noite” (RIO, 2002) ele traz ao conhecimento os medos e horrores que assolavam a cidade do Rio de Janeiro.

Magalhães Júnior (1978, p. 139) teceu as seguintes considerações sobre o livro:

Corria bem para João do Rio o ano de 1910. Eleito para a Academia, como ardentemente desejara, nesse ano saía o seu primeiro livro de contos, *Dentro da Noite*. As dezoito histórias curtas que o compõe revelam a influência de Jean Lorrain e de outros escritores da época, influenciados, por sua vez, pelo neurologista alemão Richard Von Krafft-Ebing. O livro mais famoso deste, *Psicopatia Sexual*, tinha sido publicado em 1886 e obtivera enorme êxito, principalmente depois de traduzido para o francês, o inglês e o italiano. *Dentro da Noite* é de certo modo um catálogo de tipos e situações anormais, que em alguns casos parecem ter saído diretamente das páginas de Krafft-Ebing, ..

Mailhe (2005, p. 64) faz a seguinte análise para as questões postas pelo livro:

Em *Do Rio*, o reconhecimento obsessivo dos limites de si mesmo e do “outro” (em termos de indivíduo e de classe) revela uma experiência angustiosa de crise de identidade. Moderno, quase freudiano, *Do Rio* – em contraste com Lima Barreto – descobre os limites da razão pondo em evidência a existência de aspectos inconscientes que escapam a repressão, debaixo de uma experiência moderna que exaspera nos sujeitos a perda do controle de si. Essa dimensão inconsciente opera como um igualador dos pólos sociais, do mesmo modo que o desejo produz coesão, ainda que a perversão esteja socialmente localizada sobretudo na elite (e por qual, se converte em uma marca de distinção). Essa pulsão inconsciente revela desejo e dominação perversa ao mesmo tempo, entre sujeitos acostumados a ser coagidos. Reconhecendo a dimensão inconsciente do sujeito e a dimensão social do inconsciente, *Do Rio* sugere de que modo a personalidade individual se estrutura em base a uma experiência (traumática e prolongada) de desigualdade social e o papel chave que joga a sexualidade nessa internalização das assimetrias.

Mas os textos se destacam pelas representações do corpo, da saúde e da doença. Eles abordam sobre surtos epidêmicos, doenças deformantes, perversões, lesbianismo, sadismo, etc, fazendo um retrato sombrio da noite carioca. As imagens de monstruosidades ligadas às doenças que evoca, denunciam as opressões sociais e revelam as profundas cicatrizes dos preconceitos, expondo a fragmentação do eu que abatia os doentes marginalizados.

Um bom exemplo é o conto “O bebê de tartalana rosa”, em que o autor primeiro busca despertar um sentimento de empatia, de forma até lasciva, em relação ao corpo (que oculta por meio de uma máscara o nariz totalmente destruído pela

doença, que pode ser a leishmaniose) para desaguar abruptamente em um sentimento intenso de repulsa. Discriminada pela morbidade deformadora, era no carnaval que a doente, ocultada pela máscara, podia socializar-se. Como afirma Morando (2010, p. 156): “Para se misturar à multidão é necessário esconder o horror da chaga e fazer-se igual aos outros por meio da máscara”. Há quem veja na máscara do bebê de tartalana rosa a visão do autor do processo de reforma urbana que mascarava, mas era incapaz de ocultar totalmente as injustiças sociais (SILVA, 2006, p. 25-26; MORANDO, 2010, p. 156). Para Silva (2006, p. 105):

A máscara modernizadora não ocultava o traço negativo da modernidade: o caco, o escombros, a miséria, o terror que sempre assoma disfarçado nas aventuras narradas por João do Rio em seus contos parece revelar que há algo de podre na cidade, algo de putrefato que se oculta, da poeira ouve a voz dos que foram soterrados.

No conto “História de gente alegre”, João do Rio faz menção aos excessos de luxúria regados à morfina, abordando sobre desregramento sexual, moral e social da mulher, o que a medicina considerava ser uma deterioração da higiene social. Nele a personagem lésbica homicida é levada ao hospício em estado de histeria. Particularmente no que se refere às lésbicas, a violência contra elas dizia respeito principalmente à contestação ao *status* social atribuído ao sexo feminino: ser esposas e mães. As mulheres que fugiam ao destino desejável que a sociedade atribuía a elas, do matrimônio e da maternidade, eram classificadas como “desviantes” e “antinaturais”, de modo que: “Aqueles que não se adaptaram a esse projeto foram frequentemente descritas como histéricas”. (NUNES, 2010, p. 376).

Mas é no último conto, com o título de “O carro da Semana Santa”, que se chega ao ápice da morbidez sexual presente no livro, com sexo em lugares públicos e sagrados. Expõe assim o confronto entre o sacrilégio e o sagrado. Transcreve-se aqui as significativas palavras da personagem Honório (RIO, 2002, p. 192):

— Tudo na vida é luxúria. Sentir é gozar, gozar é sentir até ao espasmo. Nós todos vivemos na alucinação de gozar, de fundir desejos, na raiva de possuir. É uma doença? Talvez. Mas é também verdade. Basta que vejamos o povo para ver o cio que ruge, um cio vago, impalpável, exasperante. Um deus morto é a convulsão, é como um sinal de porneia. As turbas estrebucham. Todas as vesânicas anônimas, todas as hiperestésias ignoradas, as obsessões ocultas, as degenerações escondidas, as loucuras mascaradas, inversões e vícios, taras e

podridões desafivelam-se, escancaram, rebolam, sobem na maré desse oceano. Há histéricas batendo nos peitos ao lado de carnações ardentes ao beliscão dos machos; há nevropatas místicas junto a invertidos em que os círios, os altares, os panos negros dos templos acendem o braseiro, o incêndio, o vulcão das paixões perversas. A semana santa! Tenho medo desta quinta-feira. Para quem conhece bem uma grande cidade, esse dia especial sem rumores, sem campainhas, é um tremendo dia em que os súcubos e os íncubos voltam a viver. Até as ruas cheias de sombra parecem incitar ao crime, até o céu cheio de estrelas e de luar põe no corpo dos homens a ânsia vaga e sensual de um prazer que se espera.

Por fim, cabe considerar que o título de “Dentro da Noite” é uma metáfora que remete ao Rio de Janeiro que é encoberto pelas sombras da noite e que João do Rio traz à superfície, como se o inconsciente se liberasse da prisão do superego (SECCO, 1978, p. 31). Ele faz revelar as criaturas e fantasmas que a modernização da cidade e a violência da medicina sanitarista tanto insistiu em esconder.

5 Conclusão

Considerar a doença apenas como um fato médico-biológico, despida de processo histórico e social, é concorrer para a desvalorização da complexidade humana.

O narcisismo científico que orientou o policiamento médico e sanitário da Primeira República, que fazia ver o Brasil como um grande hospital, contribuiu para piorar as condições sociais das populações marginalizadas, praticando-se contra elas manifestas discriminações e violências. A rotulação e a submissão das pessoas como doentes concorria para fortes sentimentos de fragmentação humana e de sofrimento, concorrendo para a erosão de identidades.

Não poupou os membros da intelectualidade afro-descendente, que com sua literatura fez denunciar os abusos praticados em nome de uma racionalidade médica que deve ser reconhecida como manifestamente violenta.

Por fim, como resultado conclusivo deste estudo também se quer destacar a importância do diálogo interdisciplinar para ampliar a colaboração entre as ciências biomédicas e as ciências sociais, como medida necessária para que sejam identificadas e reprimidas as violências médicas contemporâneas.

Referências

BOAS, Franz. *Cuestiones fundamentales de antropologia cultural*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1964.

_____. *Race, language and culture*. New York: The Macmillam company, 1940.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERREIRA, Luiz Otávio. O ethos positivista e a institucionalização da ciência no Brasil. In: LIMA, Nisia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (org.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008, p. 87-98.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Volume 18: O mal estar na civilização; Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

_____. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. V. 15 (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Verdade e método*. V. I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3 ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

GÓMEZ, Zandra Pedraza. Corpo, pessoa e ordem social. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n. 25, p. 81-97, 2002.

HEEREN, José Augusto de Castro. *O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião*. Dissertação de Mestrado orientada pela Profa. Dra. Dulcília Helena Schoroeder Buitoni. Programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: 2011.

LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. 2 ed. rev. Lisboa: Terramar, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

LIMA, Nisia Trindade. Antropologia, raça e questão nacional: notas sobre as contribuições de Edgard Roquette-Pinto e um possível diálogo com Franz Boas. In: HEIZER; Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2010.

LIMA, Nisia Trindade; SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JÚNIOR, Carlos Everaldo Alvares. Rondonia de Edgard Roquette-Pinto: antropologia e projeto

nacional. In: LIMA, Nisia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (org.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008, p. 99-121.

MAGALHAES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

MAILHE, Alejandra. “Visão do Paraíso” & “Visão do Inferno” em la ficción de entresiglos: márgenes em los márgenes del naturalismo. *Cuadernos Americanos*, México – DF, n. 114, p. 37-68, nov-dec-dec. 2005.

MARQUES, Marília Bernardes. *Discursos médicos sobre seres frágeis*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

MORANDO, Luiz. Crime, perversão e exotismo em João do Rio. *Aletria*, n. 3, v. 20, p. 149-157, set.-dez. 2010.

MOULIN, Anne Marie. Os frutos da ciência. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. 2. ed. rev. Lisboa: Terramar, 1997, p. 91-105.

MOURA, Margarida Maria. *O nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

NEVES-MANTA, Inaldo de L. *A arte e a neurose de João do Rio*. Rio de Janeiro: Folha Carioca. 1992.

NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, p.373-389, dez. 2010.

O’DONNEL, Julia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RESTREPO, Luis Carlos. Violencia medica. *Medicina holística. Medicinas complementarias, Pozuelo de Alarcón*, n. 39, 1995. Disponível em: <<http://www.campusveterinariosenweb.com/file.php/1/moddata/forum/14/59429/Medicina.pdf>>. Acesso em: 27 mar 2013.

RIO, João do. *Dentro da noite*. São Paulo: Antiqua, 2002.

_____. *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro : ABL, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 7 ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

_____. Os corpos na antropologia. MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos Everardo A. (orgs). *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Morte e prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Instituto Estadual do Livro, 1978.

SILVA, Genilda Maria Souza e. *Ascensão e morte do escritor João do Rio na utopia modernista do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado orientada pelo Prof. Dr. Luiz Edmundo Bouças Coutinho. Programa de pós-graduação em Semiologia da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOURNIA, Jean-Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. 2. ed. rev. Lisboa: Terramar, 1997, p. 359-361.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

UCHÔA, Elizabeth; VIDAL, Jean Michel. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 497-504, out/dez 1994.

VALOBRA, Adriana María. Violências silentes. In: TORNQUIST, Carmen Susana et al (orgs.). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. V. II. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009, p. 119-143.